



VOZ DA FÁTIMA

Não é sem alegre expectativa e alevantada esperança que vemos aproximar-se mais um mês de Outubro, no qual os fiéis costumam acorrer com maior frequência às igrejas para invocarem Maria por meio da devoção do Santíssimo Rosário. Esta devoção desejamos Nós que se faça este ano com maior fervor de alma, como o exige o agravamento crescente das necessidades do mundo.

Da Encíclica «Ingruentium Malorum», de PIO XII

Director : Mons. Manuel Marques dos Santos — Proprietária e Editora : Gráfica de Leiria
Composto e impresso nas Oficinas da «Gráfica de Leiria» — Telefone 2336 — LEIRIA

ANO XXXII — N.º 384
13 de SETEMBRO de 1954

A Redenção e a Igreja

O Filho de Deus à terra para nos reintegrar na caridade e na vida de Deus. Sem Ele seríamos filhos expulsos da casa do Pai e eternos deserdados: por Ele foi restabelecida a amizade entre nós e Deus e, de novo, fomos empossados nos bens sobrenaturais, perdidos com o pecado original. Por alto preço nos remiu o Senhor: humilhação da Incarnação, infância sobressaltada, vida penosa e dura de Nazaré, sangue que ensopou a terra do Horto das Oliveiras, o lajedo do átrio da flagelação, as pedras da calçada da Via dolorosa e as escarpas do Calvário. Na verdade, ficámos-lhe muito caros. Quando se pronuncia a palavra «Redenção», um travor de sangue se sente, forçosamente, na boca. Mas a redenção consumada na cruz, teria de ser levada e aplicada às almas que a desejassem e a aceitassem.

Para a tornar presente no curso do tempo, instituiu Jesus, a Igreja, a quem entregou as riquezas infinitas do seu sangue redentor. A Igreja aparece-nos, assim, como administradora dos méritos da paixão do Senhor e intimamente ligada à obra redentora de Cristo. Saiu, diz-se na liturgia, do lado aberto do Salvador. Se não tem foros de argumento, está cheia de beleza e de verdade esta visão do nascimento da Igreja. Como certas mães morrem ao darem à luz os filhos, assim, com a morte de Jesus, nasceu a Igreja, que O continua na terra.

A Igreja, diz-nos Bossuet, mais do que uma sociedade perfeita, que tem enchido de benefícios a humanidade, é o prolongamento, entre nós, da vida de Jesus ressuscitado. Não se pode distinguir entre missão redentora de Cristo e missão da Igreja, senão enquanto esta é continuação daquela, nem entre Cristo e a Sua Igreja medeia outra distinção senão a de corpo e cabeça. A S. Paulo, que perseguia a Igreja na pessoa dos fiéis de Damasco, respondeu o Senhor: «Eu sou aquele a quem tu persegues».

Por determinação expressa do Redentor, a Sua Igreja tomou a forma duma sociedade visível, onde há quem tem o poder de dirigir e quem tem o dever de obedecer. É a expressão visível do reino invisível de Deus. Aos Apóstolos e seus sucessores conferiu o Senhor poderes divinos de ensinar sem traírem a verdade («Ide, ensinai todas as nações...»), de santificar as almas através dos sacramentos, que conferem a graça («Baptizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo»: «a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados»: «fazei isto em memória de Mim...») e de governar com leis eficazes («Quem vos escuta, a Mim escuta...»). E para que entre os Apóstolos e entre os fiéis se realizasse visivelmente a unidade da fé e da caridade («Que sejam um, ó Pai, como eu e tu somos um»), sujeitou uns e outros à autoridade suprema dum chefe, S. Pedro («Dar-te-ei as chaves do reino dos céus»: «apascenta as minhas ovelhas»). Tal é a fisionomia pela qual se conhece a autêntica Igreja de Cristo e a distinguimos das pretensas e falsas imitações. Indedidamente se arrogam a dignidade de Igreja de Cristo todas as seitas religiosas (chamem-se elas evangélicas, adventistas, baptistas!...) que vão surgindo à margem da única e autêntica Igreja fundada por Cristo. Ramos secos que voluntariamente se separaram do tronco, não podem dizer-se de Cristo. Só a Igreja Católica pode fazer sua, com pleno direito, a resposta de Jesus a Filipe: «Quem me vê, vê a Cristo e vê o Pai... quem me aceita, aceita a Cristo e aceita o Pai... quem está comigo, está com Cristo e com o Pai». É na Igreja que Jesus se encontra, ensinando e santificando, como é por ela que vamos a Cristo e ao Pai. Cristo está nela como a alma está no corpo, invisivelmente mas actuamente. É Ele, escreve ainda Bossuet, que anima este extraordinário organismo pela Sua Graça, que une os seus membros, que a penetra da Sua santidade e que dirige os seus progressos. Consoladora realidade, que nos dá a certeza de que, estando com a Igreja, estamos com Cristo, ouvindo a Igreja, ouvimos a Cristo.

O «Creio na Santa Igreja Católica» do Símbolo dos Apóstolos, significa que a aceitamos como mestra infalível da verdade, que nos põe a coberto de todas as desorientações e desvios, que acreditamos na sua missão santificadora das almas, que nela seguimos tranquilos, entre abismos e ameaças dum mar agitado, porque a Igreja é a barca de Pedro, onde está Cristo.

N. R.



Portugueses de todas as raças e de três continentes, recebem em Goa a Imagem Peregrina de Nossa Senhora da Fátima, em Dezembro de 1949, a qual então visitou também Damão e Diu.

Em último plano vê-se a velha Sé de Goa, Mãe veneranda de Cristandades e das Dioceses do Oriente.

As ameaças e perigos continuam a pairar sobre aqueles gloriosos pedaços de Portugal na Índia. É dever uosso continuar a orar e a fazer penitência pelo afastamento desses perigos. É principalmente dever de todos os Portugueses fugirmos do pecado e tornarmo-nos melhores, para cumprirmos o essencial da Mensagem da Fátima e merecermos de facto o auxílio da nossa Padroeira.

Peregrinação de desagravo e penitência pela paz na Índia

No dia 10 de Agosto, ao meio da tarde, partiram de Lisboa — da igreja de Nossa Senhora da Fátima, onde rezaram o terço, ouviram Missa e todos comungaram — 600 peregrinos, que vieram até à Fátima A PÉ, implorar de Nossa Senhora a paz na Índia Portuguesa e a Sua protecção contra as ameaças que se anunciavam para o dia 15. Foi na verdade uma peregrinação de desagravo e penitência, e muito deve ter tocado o Coração da Mãe do Céu, pelo espírito sobrenatural que a inspirou e sempre a animou.

Peregrinos de todas as idades e condições, irmanados no mesmo sentimento de amor à Pátria e de confiança na Padroeira. Comovente o caso daquela velhinha de 74 anos, que se juntou aos peregrinos à última hora, sem mesmo avisar a família; aquela outra de 80 anos, que veio pedir especialmente por que Nossa Senhora ilumine e dê forças ao ilustre Presidente do Conselho; um rapazinho de 13 anos; um paralítico no seu carro de rodas; e muitos outros, interessantes e edificantes, mas que seria longo enumerar. A viagem fez-se em quatro jornadas, suportando calor de dia e frio de noite, dormindo ao relento ou em barracas de campanha, sobre a terra dura, rezando e cantando. Abria a marcha uma bandeira com estas palavras: «Cada passo desta marcha é uma conta do Rosário». Quando chegaram à Fátima eram já mais de mil.

Jamais poderemos esquecer a impressão profunda que sentimos, ao vê-los entrar na Cova da Iria, numa das mãos o cajado de peregrinos e na outra empun-

hando archotes, os pés pisados e a voz rouca de rezar e cantar, mas a alma alerta, por Deus e pela Pátria! Vinha com eles a imagem de Nossa Senhora da Fátima, que fora esperá-los a Aljustrel. Passava um pouco da meia-noite.

O Senhor Bispo de Leiria esteve também presente à chegada e às cerimónias que se seguiram. Após a recitação de algumaz dezenas do terço e feitas invocações, principiou a Santa Missa, no altar em frente da igreja do Rosário. Foi celebrante o Rev. P.º Matias, jesuíta de Goa, que com o R. P.º Carlos de Melo, também jesuíta goês, sempre acompanhou os peregrinos, trazendo relíquias de S. Francisco Xavier e de S. João de Brito. Todos os peregrinos de Lisboa comungaram a esta Missa e alguns outros milhares às Missas que se lhe seguiram.

Na Assembleia realizada às 11 horas do dia 15, em frente da imagem de Nossa Senhora, ao alto da escadaria, o poeta Miguel Trigueiros, um dos membros da Comissão Organizadora — da qual faziam também parte as Senhoras D. Maria de Mendia, D. Maria Paulo Cunha, filha do Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros, e o engenheiro Fernão Pacheco de Castro — ofereceu à Virgem Santíssima os sacrifícios e orações de todos os caminheiros durante esta gloriosa peregrinação, pela liberdade do território português na Índia e a continuação da paz naquelas nossas Províncias ultramarinas.

Todos rezámos o terço por estas intenções e as cerimónias terminaram com a procissão do «Adeus».

Peregrinação de Agosto, 13

Peregrinação Diocesana de Leiria

No dia 13 de Agosto último acorreram ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, na Cova da Iria, muitos milhares de peregrinos portugueses e algumas centenas de peregrinos estrangeiros. Nesta peregrinação geral integrou-se a peregrinação de Leiria com as representações das suas sessenta e quatro freguesias presididas pelos reverendos párocos.

Esta peregrinação foi instituída em desagravo da prisão dos videntes Lúcia, Francisco e Jacinta no dia 13 de Agosto de 1917. Neste ano de 1954, os peregrinos da diocese vieram também ganhar as indulgências do Ano Mariano e pedir a canonização de Frei Nuno de Santa Maria (o Condestável D. Nun'Álvares Pereira, Conde de Ourém) e juntamente a beatificação dos dois videntes da Fátima já falecidos, cujos processos diocesanos estão seguindo os seus trâmites.

O Senhor D. José Alves Correia da Silva, apesar da sua avançada idade e da sua doença, dignou-se presidir à peregrinação e tomar parte nas cerimónias oficiais da mesma.

No dia 12, à noite, realizou-se, como de costume, a procissão das velas, rezando-se o terço antes e durante a procissão, em que foi conduzida no seu andar a veneranda imagem de Nossa Senhora.

Durante a Hora que se seguiu à procissão nocturna, rezou-se novamente o terço, pregando nos intervalos das dezenas o Rev. P.^o Francisco Vieira da Rosa, de Leiria. Os turnos de adoração eucarística foram feitos pelas Vigararias da Diocese, a que se juntaram muitas peregrinações de vários pontos do país. A ordem por que se efectuaram foi a seguinte: da 1 às 2 horas — Vigararia de Porto de Mós, e as freguesias de Vila Verde (Figueira da Foz), Riachos, Cabços, Moimenta, Vilar, Paradinha e Nagosa; das 2 às 3 — Vigararia da Batalha e freguesias de Alcobertas, Valado de Frades e Seixo (Montemor-o-Velho); das 3 às 4 — Vigararia de Ourém e freguesias de Pinhal Novo e Rio Frio; das 4 às 5 — Vigararia de Monte Real e as freguesias de Lervão e Paialvo; das 5 às 6 — Vigararia de Leiria e as freguesias

de Várzea dos Cavaleiros, Santo António (Marmeleiro), Vila Nova de Miranda e Espinhal. As peregrinações de Vila Verde e de Blois (França) assim como muitas outras, tiveram as suas missas privativas.

Os Peregrinos Estrangeiros

A peregrinação deste mês foi uma daquelas em que, até hoje, se notou maior número de peregrinos estrangeiros.

Tomaram parte nas cerimónias peregrinos da Áustria (100 de Viena e 70 de Linz), da Alemanha (de Munique e de Colónia), da França (vários grupos), da Espanha (dois grupos de sacerdotes de Badajoz e seminaristas de Valladolid), da Irlanda, do Uruguay, Chile, Estados Unidos, Canadá, Brasil, Holanda, China, Itália, Bélgica e Inglaterra (três grupos, no total de 115 pessoas).

Os sacerdotes estrangeiros principiaram a celebrar Missa na capela das Aparições a partir das três horas da madrugada do dia 13 e sempre ininterruptamente até às treze horas.

A Missa de Comunhão Geral

A's 7 horas foi a Missa da Comunhão Geral. Muitos sacerdotes ajudaram a distribuir cerca de 30.000 comunhões. Muitos grupos de peregrinos, como já dissemos, tiveram a sua Missa privativa. Um grupo de raparigas escuteiras flamengas assistiram a uma Missa celebrada na igreja do Rosário, às 8 horas.

A's 10 horas, o Rev. P.^o Manuel da Silva Gaspar, professor no Seminário Episcopal de Leiria, presidiu à recitação do terço do Rosário. Entretanto a Imagem era colocada no andor lindamente ornamentado com flores, trazidas na sua maioria da Ilha da Madeira por peregrinos que de lá vieram. Na procissão incorporaram-se os peregrinos estrangeiros e o povo das freguesias da diocese de Leiria, tendo durado o desfile mais de meia hora.

Missa e bênção dos Doentes

Celebrou a Missa dos doentes o Rev. P.^o Luís Moreno, director espiritual do Seminário de Badajoz. (Espanha). O

Senhor Bispo de Leiria assistiu à Missa. A' estação do Evangelho o Rev. P.^o Francisco Vieira da Rosa proferiu uma homilia sobre a mensagem de Nossa Senhora da Fátima. Os elementos da Acção Católica da Diocese de Leiria entregaram ao ofertório muitas centenas de quilos de trigo, e vinho e azeite para o Santuário. As senhoras entregaram peças de linho para toalhas dos altares. Depois da Missa o celebrante e o Rev. Cônego Manuel Lopes Perdigão, Assistente da Juventude Católica, em nome do Senhor Bispo de Leiria, deram a bênção eucarística aos doentes, que eram em número superior a 200, dispostos em bancadas no recinto que lhes é reservado na nova colunata. Durante este acto, toda a multidão rezou com fervor por eles, pela paz no mundo, especialmente no território da Índia Portuguesa, pela conversão dos pecadores, pelas nações dos peregrinos ali presentes e por todas aquelas em que não há liberdade religiosa. Nas umbelas pegaram os Srs. Brigadeiro Frederico Costa, Sub-Chefe do Estado Maior da 3.^a Região Militar, e Engenheiro Torcato Sottomayor Álvares Ribeiro, Servita do Porto, onde é professor no Instituto Industrial. Feita a consagração ao Coração Doloroso e Imaculado de Maria, cantou-se o *Tantum ergo* e deu-se a bênção geral. Em seguida o Senhor Bispo dirigiu algumas palavras aos peregrinos e deu a sua bênção episcopal a toda a multidão.

Estiveram presentes duas senhoras de Roma, Zuna Scoffono, de 69 anos, cozinheira, e Clarinda da Mencacci, de 68 anos, governanta, que no dia 3 de Junho findo partiram de Roma, de junto da Basílica de Santa Maria Maior, para Fátima, fazendo todo o percurso a pé, numa peregrinação de penitência pela conversão dos pecadores e pela paz no mundo, segundo as intenções do Sumo Pontífice.

Terminaram as cerimónias oficiais com a procissão do «Adeus», que decorreu com muita ordem e com o maior fervor e entusiasmo.

Calcula-se em 300 mil o número de peregrinos que vieram neste dia 13 à Cova da Iria.

Visconde de Montelo

Peregrinação Nacional a Lourdes

A' hora de redigirmos esta pequena nota, está em Lourdes, a prestar as suas homenagens à gloriosa Senhora de Massabielle, a Peregrinação Nacional Portuguesa, presidida por Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa. Os peregrinos eram cerca de mil e seguiram em combóio especial.

A Peregrinação, como a seu tempo anunciámos, juntou-se em Lourdes à Peregrinação Nacional francesa e as cerimónias têm decorrido num ambiente extraordinário de fé e piedade, de santa e fraterna emulação.

Procuraremos dar notícia mais desenvolvida no próximo número.

TELEGRAMAS TROCADOS ENTRE OS SENHORES BISPOS DE LOURDES E DE LEIRIA

No decurso da Peregrinação franco-portuguesa, que mais aproxima Fátima e Lourdes, dirijo a Vossa Excelência a certeza das nossas orações e homenagens de fraternal respeito.

MGR. THEAS

Agradeço as orações e cumprimentos que do coração retribuo, implorando as graças de Nossa Senhora da Fátima para os peregrinos franceses e portugueses de Nossa Senhora de Lourdes e a Sua bênção protectora para as duas privilegiadas Pátrias irmãs.

BISPO DE LEIRIA

Na Fátima como em Lourdes, Nossa Senhora convida-nos à oração que leva até ao amor do sacrifício.

Na Fátima, mais ainda que em Lourdes, a divina Mãe fala do pecado e da penitência e reclama a conversão dos pecadores.

MGR. THEAS, à Peregrinação franco-portuguesa.

COROAÇÃO DE UMA ESTÁ-TUA DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NA ALEMANHA

No dia 20 de Junho, o Vigário Geral de Passau, Rev.^m Cônego Dr. Franz Seraph Riemer, coroou a Imagem de Nossa Senhora da Fátima de Klingenbrunn, na Floresta Bávara, ali venerada havia já um ano. A coroa, de prata pura com uma camada forte de ouro e incrustada de pedras preciosas, é cópia da oferecida pelas Mulheres Portuguesas à Imagem da Capelinha das Aparições do Santuário da Fátima, e foi oferecida em acção de graças, por uma grande devota de Nossa Senhora da Fátima.

A cerimónia da coroação efectuou-se na encosta do monte Rachel, a uma altitude de 1.452 m, onde o Pároco de Klingenbrunn, Rev. Josef Herkner, está também a edificar uma Capela dedicada a Nossa Senhora da Fátima, para que dali, mesmo em frente da Cortina de Ferro, Ela conserve abertas as suas santas mãos, poderosas e maternais, sobre os habitantes da linda Floresta Bávara e os povos vizinhos.

A Imagem foi depois conduzida numa procissão em que se incorporaram mais de 3.000 fiéis, e após a recondução a Klingenbrunn, houve solene Te-Deum na igreja paroquial.

A Capelinha de Rachel é desde já um lugar de peregrinações mensais (especialmente nos dias 13 de Maio a Outubro) e a Imagem que ali será colocada receberá a denominação de «Nossa Senhora da Fátima da Cortina de Ferro».

GRAÇAS DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

«O SEU CASO É UM MILAGRE»

D. Maria Viana da Costa Ramos, Fortaleza, Ceará, Brasil, em documento duplamente reconhecido, pela autoridade eclesiástica e pelo Notariado de Fortaleza, conta o interessante e extraordinário caso da cura de um seu filho, Francisco José, em Maio de 1937, então seminarista, e ordenado em 1947. Atacado de tifo, e empregados todos os recursos da medicina, inclusive a provocação de dois abscessos de fixação, a doença a nada cedia, sucedendo-se uma meningite. Recebeu a Santa Unção, não podendo receber o Sagrado Viático. Desenganado completamente pelos médicos, foi chamado o seu confessor, P.^o Tomé Veerman, que lhe rezou as orações da agonia, retirando-se, em seguida, para celebrar a Santa Missa. Deram então ao enfermo água da Fátima, enquanto pediam a Nossa Senhora a sua cura. Poucos minutos depois, o moribundo principiou a dar sinais de melhorar. O médico, porém, continuava a considerar um caso gravíssimo e disse informou os Superiores do Seminário. Entretanto, o doente ficava consciente e pôde receber a Sagrada Comunhão e a medalha de «Filho de Maria» que várias vezes tinha solicitado no decurso da doença. Em 13 de Maio, são já mais animadoras as melhoras, que desde então se foram acentuando ante a admiração dos médicos. O Sr. Dr. José Leite Maranhão, abalizado clínico, perguntou ao Francisco José: «Menino, você acredita em milagres?», ao que respondeu: «Sim» — «Pois o seu caso é um milagre».

EVITOU A OPERAÇÃO

D. Maria da Graça Espadinha, S. Bartolomeu, Margem, escreve: «Encontrando-se um meu sobrinho com uma grave doença de rins, teve de dar entrada no Hospital, declarando os médicos que teria de se submeter a uma intervenção cirúrgica, pelo que foi levado para Lisboa, dando ali entrada em uma casa de saúde. A poucos dias da operação, principiiei, com muita fé, uma novena a Nossa Senhora da Fátima, sucedendo que no dia marcado para a intervenção cirúrgica, ao ser antes examinado pelo médico, este, com grande espanto pelas melhoras encontradas, declarou não ser precisa já a operação, regressando o doente para casa. Isto confirma o Rev. Pároco, P.^o Joaquim da Silva Antunes.

NOSSA SENHORA OUVIU A SUA PRECE

D. Conceição Martins dos Santos, Mouronho—Tábua, diz que tendo o seu pai sido acometido de grave enfermidade nas vias urinárias, consultou um especialista de Coimbra, que lhe aconselhou uma operação. O enfermo, porém, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, a quem pediu a sua cura sem ser precisa a intervenção cirúrgica, prometendo ir à Fátima, dar lá uma esmola, segundo as suas posses, e tornar pública, na «Voz da Fátima», a graça alcançada. E Nossa Senhora ouviu a sua prece. A doença manifestou-se em Fevereiro de 1949, e em Junho, encontrava-se curado. Tudo isto confirma o Rev. Pároco, P.^o Adelino Silva.

AGRADECEM A N.^a S.^a DA FÁTIMA GRAÇAS RECEBIDAS

D. Maria da Ascensão Madeira Lopes — Ponta Delgada.
D. Maria Rosado Bravo Ravasco — Mourão.
Uma paroquiana da Camacha — Madeira.
D. Lucília de Jesus Sousa — Afonsoeira — Montijo.
D. Maria Assunção Carregal da Silva Passos — Funchal.
D. Maria Adélia da Silveira. — Topo, S. Jorge — Açores.
D. Maria Palmira N. Reis — ibidem.
D. Maria Viçência A. Costa — Funchal.
Joaquim de Sousa Azevedo — Canelas — Entre-os-Rios.
D. Maria de Brum da Silva — Pico — Açores.
D. Nanita Castro Alves — Monte Estoril.
José Martins Figueiredo — Torredeita.
D. Maximina Ferreira — Torres.
Manuel Valente Alexandre — Lagoa.
Patrocínio de Jesus Mesquita — Belém Lisboa.
António Parente Ribeiro — Santa Marta de Portoselo.
Manuel C. Dias.
D. Elsa Maria Carneiro — Ansião.
Fernando Manuel Franco — Ericcira.
D. Ermelinda Lacerda — Luanda.
D. Palmira Bartolomeu Machado — Luanda.
D. Maria do Céu Lopes da Silva — Tondela.
José Gonçalves — Caldas das Taipas.
D. Angelina Dias — Cova da Iria.

12 e 13 de Outubro:

PEREGRINAÇÃO NACIONAL

Reunião Internacional da «Pax Romana»

Realizou-se em Lisboa e na Fátima, de 1 a 6 de Agosto, a VIII Assembleia Plenária da «Pax Romana», que reuniu mais de uma centena de intelectuais de 17 nacionalidades: Alemanha, Bélgica, Bielorrússia, Canadá, Checoslováquia, Espanha, Estados Unidos da América, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Líbano, México, Panamá, Polónia, Porto Rico, Portugal, Suíça, Ucrânia e Uruguai.

A sessão inaugural efectuou-se em Lisboa, no edifício do Instituto Superior Técnico, e a ela presidiu Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca.

Os trabalhos continuaram depois na Casa dos Retiros do Santuário da Fátima. Na primeira sessão o Secretário internacional apresentou um desenvolvido relatório das actividades da «Pax Romana». Foram apresentados diversos trabalhos e discutidos os vários problemas relacionados com o tema «O Apostolado nas Profissões».

No dia 6 o Rev. P.^o Maurício Van de Mele, redentorista belga que trabalhou durante algum tempo em Kowel, na Ucrânia, celebrou Missa de Pontifical em rito oriental e proferiu uma homilia em francês sobre o problema da Unidade das Igrejas. Os cânticos estiveram a cargo de um coro de 15 estudantes universitários ucranianos, vindos expressamente de Madrid.

A sessão de encerramento da Assembleia assistiu o Senhor Bispo de Leiria. Leram-se as conclusões do congresso, as quais serão tornadas públicas depois da redacção final no Secretariado da Organização da «Pax Romana», em Friburgo, na Suíça.

No último dia efectuou-se um almoço de confraternização, durante o qual se trocaram amistosos brindes, tendo os delegados estrangeiros agradecido aos portugueses a forma gentil e hospitaleira como os receberam em Lisboa e na Fátima.

Sua Santidade o Papa Pio XII dignou-se abençoar os congressistas e fez votos pelo melhor resultado dos trabalhos.

A Realeza de Maria

Seus fundamentos teológicos e o seu significado histórico

Anda a Cristandade empenhada em conhecer sempre cada vez mais profundamente as prerrogativas e os privilégios d'Aquela que foi escolhida para Mãe do Salvador e Sua Íntima colaboradora. Significa esta preocupação o reconhecimento da grandeza de Maria e a consciência, ao menos implícita, que cada um tem da própria indigência, da necessidade de se sentir protegido e amparado.

Não passou ainda um lustro após a declaração oficial do Vigário de Cristo sobre a gloriosa Assunção de Maria, e já se anuncia para breve a introdução de uma nova festa em honra da Mãe de Deus, na liturgia da Igreja.

Têm ocorrido do mundo interior ao Papa pedidos sem número, para que seja oficialmente proclamada a Realeza de Nossa Senhora. E parece estar assente que Sua Santidade instituirá no próximo dia 1 de Novembro, aniversário da proclamação da Assunção, esta nova festa em honra da Virgem Santíssima.

Já é antiga, na Igreja, a atribuição do título de Rainha a Nossa Senhora. Os Padres da Igreja, a Liturgia, o magistério ordinário e os fiéis manifestaram-no sempre claramente. Quem há que não conheça essa admirável oração — a Salve Rainha — tão suave e tão do coração de todos os devotos de Maria?

Faltava, no entanto, uma aprovação oficial e explícita. Por outro lado, nem sempre aparecia claro o verdadeiro significado deste atributo de Maria, os seus fundamentos e natureza e as suas funções.

O conceito de realeza supõe necessariamente uma superioridade de transcendência. Em Nossa Senhora esta superioridade não pode procurar-se senão na sua íntima união com Cristo — Rei e Redentor.

Embora cumulada das mais excelsas graças e benefícios, na ordem natural como na sobrenatural, acima de qualquer outra criatura, toda a perfeição e grandeza de Maria, por si sós, não podiam justificar o título de Rainha. Esta perfeição dá-Lhe, sem dúvida, o primeiro lugar na ordem da natureza e da graça, mas não Lhe concede o que constitui propriamente a realeza, isto é, uma verdadeira superioridade com o poder de interferir sobre os destinos dos homens e do mundo.

A realeza de Maria deve, pois, ser procurada na sua íntima união com Cristo Redentor.

É doutrina corrente na Igreja que Nossa Senhora não foi um mero instrumento passivo na obra redentora, mas colaborou activamente, merecendo justamente o título de corredentora.

São claras as afirmações da Bíblia sobre as características messiánicas da Mãe de Deus, dependentes, sem dúvida, de Cristo, e diversas das Suas. Na realidade, Maria acrescenta à obra de Cristo Redentor um complemento que o Pai previu, determinou e aceitou, sempre em íntima união com a obra salvadora de Cristo, obra que, por si só, é suficiente e necessária.

Nem a Maternidade divina de Maria, considerada em si mesma, Lhe dava o direito objectivo à realeza. Na ordem natural das coisas, a mãe do rei não participa da prerrogativa real do filho. Mas em Maria a dignidade de Mãe de Cristo-Rei vem acompanhada de outros privilégios que A colocam junto do trono do Filho, dando-Lhe o direito à verdadeira e efectiva realeza.

Por isso, Pio IX, na sua encíclica «*Ineffabilis Deus*», podia afirmar claramente que a Maternidade de Maria A associa de uma forma tão íntima ao Filho, que se torna participante das suas funções messiánicas, que, com Ele e na sua dependência, exercita.

É esta comunicação das funções de Salvador feita por Cristo a Sua Mãe, o mesmo é dizer, é a colaboração activa de Maria na obra da redenção, que Lhe dá o direito ao título de Rainha.

Cristo Homem-Deus, nascido da Virgem Maria, é por direito de natureza, enquanto Deus, e por direito de aquisição, enquanto Salvador, verdadeiro Rei do universo. E Maria, tendo colaborado com o Redentor na salvação do mundo, é justo que participe daquela realeza que seu Filho alcançou com o Seu sangue.

Terminada a redenção objectiva da parte de Cristo, a sua acção continua na aplicação dos seus merecimentos às almas. E Nossa Senhora, elevada ao Céu em corpo e alma, continua junto do Filho a função de corredentora, iniciada junto da Cruz, obtendo graças e benefícios. Desta forma, Maria exercita a sua realeza, influenciando sobre a vida dos fiéis com a sua ternura e autoridade de Mãe do Salvador, encaminhando-os para a eterna felicidade.

A história da Igreja está cheia das glórias de Maria. A Liturgia celebra no curso do ano algumas festas comemorando as vitórias de Nossa Senhora sobre os inimigos de Deus e da sua Igreja.

Também a data de hoje recorda a todos os filhos da terra de Santa Maria a sua especial protecção, implorada pelo seu grande devoto, o Beato Nuno de Santa Maria. E como outrora, também hoje os seus filhos continuam a confiar que esta data e a de amanhã ficarão a marcar mais um benefício do coração materno da sua Protectora, em favor daquela parte do seu rebanho que, lá no Oriente, aprendeu a invocar o seu suave nome, quando uma parte da Europa cega e desvairada renegava o seu amor e carinho.

Como estes, tantos outros feitos ficaram a assinalar a soberania de Maria sobre a sua terra. E se esta designação de Terra de Santa Maria não quer significar que entre os outros povos não há igual amor à Mãe de Deus, recorda pelo menos o facto, talvez singular na história dos povos, de um rei reconhecido pelos favores recebidos se ter despojado para sempre da coroa real e a ter colocado na cabeça da Virgem que de então ficou oficialmente reconhecida como Rainha.

E se não houvesse outros testemunhos a encher de glórias marianas a história, bastava olhar para o seu trono de graças levantado no alto da Serra de Aire, para confirmar a verdade da realeza da Mãe de Deus.

O seu Coração cheio de misericórdia e amor para com a Humanidade, veio mendigar o coração de todos e na sua mensagem está contida esta palpitante afirmação: «*Por fim o meu Coração triunfará*».

Nestas palavras da Mãe de Deus, encontramos a expressão mais clara, a confirmação mais perfeita do seu poder de domínio, da sua verdadeira soberania sobre os homens, mesmo sobre aqueles que recusam a sua mensagem de misericórdia.

E tal como há cerca de dois mil anos, Maria continua a descrever a história da sua Realeza, cujo primeiro canto encontramos no admirável hino da «*Magnificat*».

Enquanto os soberbos são dispersos e os que presumem do seu próprio poder são destronados; enquanto os que se julgam senhores de si mesmos e do mundo, porque são ricos, são mandados de mãos vazias, os humildes são exaltados até à participação das belezas de Deus. E sobre todos estes resplandece a Realeza de Maria, profeticamente anunciada, por Si mesma, com estas palavras: «*Todas as gerações Me proclamarão bemaventurada*».

ANTUNES BORGES

(Conferência pronunciada no «*Rádio Vaticano*», no dia 14 de Agosto, aniversário da batalha de Aljubarrota e vigília da Assunção, pelo Cônego da Sé de Leiria Dr. António Antunes Borges, actualmente Reitor de Santo António dos Portugueses em Roma)

CRÓNICA FINANCEIRA

Pela primeira vez desde que escrevemos para este benemérito jornalzinho, que é como quem diz há cerca de 18 anos, faltámos aos nossos prezados leitores com duas «crónicas» seguidas, do que pedimos desculpa, ainda que o motivo foi de força maior. A época dos exames universitários, se é má para os estudantes, não é melhor para os Lentes. Acresceu-nos a este habitual e pesado encargo dos exames correntes, a obrigação em que nos vimos, de discutir duas dissertações de Doutoramento, uma de Matemática, outra de Estatística económica, respectivamente em Junho e Julho, separadas apenas por 40 dias, nos quais tivemos de examinar 225 alunos nossos! Esta acumulação de serviço não nos deixou tempo, em certos dias, para fazer mais nada, e daí a nossa falta verdadeiramente involuntária.

A data em que estamos a escrever esta «crónica» (14 de Agosto), ainda não nos chegou à mão a costumada folha agrícola do Instituto Nacional de Estatística, de que nos servimos habitualmente para informar os nossos prezados leitores sobre o estado das culturas. Ainda procurámos nos jornais que habitualmente lemos, a ver se encontrávamos quaisquer notícias sobre o mesmo assunto, mas nada. As cartas mandadas pelos correspondentes da Província falam de romarias, de manifestações patrióticas, de roubos e de desordens, de melhoramentos locais, de filarmónicas e bombeiros voluntários, de tudo menos da vida da lavoura. Se o ano corre bem ou mal, se os milhos estão ou não prometedores, se há falta ou abundância de pastos, se o estado das videiras é

ou não satisfatório e se a colheita do vinho e azeite promete ou não ser animadora, isso parece que não interessa, não obstante Portugal ser um país essencialmente agrícola.

Todavia é sabido que o ano foi excepcionalmente bom para os trigos e demais cereais praganosos. Também é sabido que está a ser um ano bastante seco e que os milhos de sequeiro sofreram muito com isso. Os milhos de regadio também virão a sofrer por falta de água em algumas terras onde a chuva foi insuficiente para abastecer as nascentes. Para as uvas e para a azeitona, o ano parece que tem corrido bem em muitas partes. Mas como «até ao lavar dos cestos é vindima», não se podem fazer ainda prognósticos seguros.

Desde a nossa última «crónica», os jornais trataram do caso um tanto picaresco da manteiga, a propósito duma representação de alguns Grémios de Lavoura (salvo erro) ao ilustre Ministro da Economia. Segundo disseram os mesmos jornais, a lavoura estava em crise, porque havia umas 500 toneladas de manteiga por vender e as fábricas não pagavam o leite aos lavradores.

Se assim era, parece que quem estava em crise não era a lavoura, mas as fábricas que diziam não ter dinheiro para pagar o leite. O curioso é que, da dita representação, resultou passar o preço da manteiga de 40 escudos o quilo, para 35. Quer dizer, os fabricantes não podiam pagar o leite aos lavradores, mas podiam vender a manteiga mais barata... Palavra que não percebemos!

PACHECO DE AMORIM

«Para que a sociedade doméstica viva conforme as leis do Evangelho, Nós afirmamos que nenhum meio é melhor do que a recitação habitual do Terço em família».

PIO XII



**GRAÇAS
DOS
SERVOS
DE
DEUS**



Francisco Marto

João da Rosa Quaresma, Santa Luzia, Pico, Açores, escreve: «Estando minha mãe com fraqueza de cabeça, devido à sua muita idade, pois está com 95 anos, e naquele estado não podia confessar-se, principiiei uma novena ao Servo de Deus Francisco Marto, pedindo-lhe que alcançasse de Deus a lucidez para minha mãe. Sucedeu que no penúltimo dia da novena, já ela se pôde confessar e comungar». Remeteu 20\$00 para a beatificação do Servo de Deus.

Jacinto Cardoso, Ponta Delgada, tendo sido acometido de doença mental, teve de ser internado na Casa de Saúde de S. Miguel, voltando ao uso das suas faculdades volvidos quatro dias. Teve ensejo de ler a vida do Servo de Deus Francisco Marto, escrita pelo P.º Rolim, e logo principiou a pedir-lhe que lhe obtivesse a sua cura completa e rápida, o que de facto sucedeu; pediu-lhe também a cura duma grave doença de que sua mãe sofria, e, ao voltar a casa, encontrou sua mãe curada. Manda 10\$00 para a beatificação do Servo de Deus.

José Maria Loureiro, Ferreira-a-Nova, Figueira da Foz, tendo há vinte anos sofrido uma pleuresia, nunca mais pôde fazer grandes esforços e com dificuldade respirava. Recorreu ao Servo de Deus Francisco Marto, pedindo-lhe que lhe alcançasse a cura. Foi atendido e vem, cheio de júbilo, tornar público o seu agradecimento, enviando 50\$00 para a beatificação do Servo de Deus.

Pedro Pereira, Damão (Índia Portuguesa), envia 5 rupias para a beatificação do Servo de Deus Francisco Marto, por uma graça que alcançou a sua filha Clara.

D. Vitória de Jesus R. da Rocha, Portela, Viana do Castelo, tendo um filho que aos quinze meses apareceu com uma infecção geral, renitente a todos os tratamentos, lembrou-se de recorrer ao Servo de Deus Francisco Marto, a cuja intercessão atribui a graça da cura, mandando 20\$00 para a sua beatificação.

Luis Marcelo César, Lisboa, escreve: «Estando minha esposa doente há sete meses, sem obter melhoras, apesar de inúmeros tratamentos, o médico assistente, Sr. Dr. Félix Machado, recomendou o seu internamento, a fim de provavelmente ser submetida a uma intervenção cirúrgica. Recorri ao Servo de Deus Francisco Marto, e, no dia em que devia ser internada, não o foi, pois estava completamente curada».

Agradecem e enviam esmolas:

- D. Maria Madalena Ribeiro, Albergaria dos Doze.
- Mário Silveira Ribeiro, Albergaria dos Doze.
- D. Rosa Rodrigues, Porto, 50\$00.
- D. Maria da Conceição Gonçalves, Gândara, 30\$00.
- D. Maria Júlia, S. Miguel, 30\$00.
- Orlando Pinto Cerveira, Sinfães, 20\$00.
- D. Maria Vicência Alves Costa, Funchal, 20\$00.
- Anónimo, Ponta Delgada, 20\$00.
- D. Inês Gomes Tripa, Freamunde, 10\$00.
- D. Beatriz Lima Figueiredo, Santa Maria, Açores, 20\$00.
- Agostinho da Assunção, Luanda, 50\$00.
- D. Bebiãna de Faria Almeida Campos, Coimbra, 50\$00.

José Luis Areias, Cabo da Praia, Açores, escreve: «Encontrando-me muito preocupado com a falta de emprego em que ganhasse o necessário para me manter, recorri com grande fé à Serva de Deus Jacinta Marto, fazendo-lhe uma novena. Passadas algumas semanas, tinha eu trabalho em óptimas condições e com grande admiração minha, quando reparei que com grande facilidade me adaptava ao novo emprego. Venho agradecer, muito reconhecido, a graça alcançada e oferecer 100\$00 para o processo da beatificação da Serva de Deus».

D. Francisca Fernandes Telo Rasquilho, Elvas, encontrando-se com uma grande preocupação, prometeu enviar 100\$00 para a beatificação da Serva de Deus Jacinta Marto, caso fosse atendida na prece que lhe fez. Vem cumprir o prometido, pois foi atendida.

D. Maria de Lourdes Laranjo, Cedros, Faial, ao ver uma sua irmã gravemente enferma, recorreu a Deus por intercessão de Nossa Senhora e da Serva de Deus Jacinta Marto e obteve a cura, enviando 5\$00 para o processo da beatificação.

D. Glória Martins Leal, Gandra, Paredes, encontrava-se prestes a dar à luz quando lhe apareceram na mão direita dois «penarícios», que lhe causavam dores intensas. Recorreu à Serva de Deus Jacinta Marto, pedindo-lhe, ao menos, o alívio das dores, o que aconteceu logo após o pedido, e que, se fosse possível, se pusesse completamente boa antes do parto. Realmente ficou de todo bem antes de dar à luz. A mesma senhora, estando seriamente preocupada com a colocação de seu marido numa fábrica, coisa que parecia muito difícil, recorreu à Jacinta, pedindo-lhe a graça de seu marido ser admitido na fábrica dentro de oito dias. Ao fim de oito dias o homem estava no trabalho que desejava. Como prometeu, envia 20\$00 para a beatificação da Serva de Deus.

Geraldo Soares Pires, S. Paulo, Brasil, escreve: «Em 1946 uma minha irmã adoeceu com tuberculose pulmonar, mandando os médicos que fosse isolada da família para se evitar todo o contágio. Pobre e sem recursos para tomar essa medida, minha falecida mãe confiou a guarda e protecção de seus filhos à Serva de Deus Jacinta Marto, prometendo que se as demais pessoas não fossem contaminadas, publicaria a graça na «Voz da Fátima». Hoje, decorridos oito anos, a minha irmã encontra-se completamente curada desde há seis meses, sem que tivesse havido contágio na família».

- Alfredo Pinto da Fonseca, Moimenta, 20\$00.
- Anónimo, Chaves, 30\$00.
- D. Isabel da Conceição Silva, Castelo Branco, 50\$00.
- D. Maria Augusta Ribeiro, Costa do Sol, 20\$00.
- D. Rosa de Jesus Ferreira, Coimbra, 20\$00.
- D. Luisa Margarida Monteiro, Vila Real, 20\$00.
- D. Maria da Conceição Osório, Guimarães.
- P.º António Gonçalves da Costa, Padroso, 50\$00.
- D. Maria Josefa Barros, Padroso, 20\$00.
- D. Maria José Nogueira, Mesão Frio, 50\$00.

NOTÍCIAS DO SANTUÁRIO

JULHO

De 19 a 23 — realizou-se um 1.º turno de Exercícios para o Clero da Diocese de Portalegre, e um 2.º, de 26 a 31. Assistiu o Prelado diocesano, Senhor D. Agostinho de Moura, e cerca de 200 sacerdotes fizeram o Retiro.

De 19 a 21 — esteve uma peregrinação austríaca de mais de 60 pessoas, dirigidas por Mons. Fernando Camon, de Viena, e pelo Sr. Luis Keck, grande amigo e propagandista da «Voz da Fátima» na Austria.

De 20 a 23 — sob a presidência do Senhor Arcebispo de Milene, reuniram-se no Santuário os Assistentes nacionais, gerais e diocesanos da Acção Católica Portuguesa. Foram apresentados vários trabalhos e discutido o programa de actividades para o próximo ano.

A 20 e 21 — peregrinação italiana de Pistóia (40 pessoas), dirigida por Frei Serafim, capuchinho.

A 22 e 23 — peregrinação de 35 pessoas de Sagunto (Valência)—Espanha. Nos mesmos dias, outra peregrinação espanhola de Valhadolid, formada por 33 pessoas.

A 24 e 25 — peregrinação de 40 professores e alunos do Colégio dos Revs. Padres Jesuítas de Villafranca de los Barros (Badajoz), Espanha.

A 25 e 26 — peregrinação francesa de Paris, com 30 pessoas. Peregrinação italiana, de Milão, formada por 35 pessoas.

A 26 — estiveram 10 peregrinos franceses de Janzé (Ille-et-Vilaine), sob a direcção do Rev. P. Plard, de Rennes.

A 27 e 28 — outra peregrinação francesa de Paris, organizada pela «Associação Católica de Turismo» e composta de 37 peregrinos. Estiveram nos mesmos dias dois pequenos grupos ingleses. 160 peregrinos americanos da «Catholic Travel League» vieram visitar Nossa Senhora da Fátima, sob a presidência de Mons. José F. Rummel, Arcebispo de Nova Orleans. Tomaram também parte na peregrinação Mons. Luis Abel Caillouet, seu Bispo auxiliar, e Mons. Júlio Benjamim Jeanmard, Bispo de Lafayette.

Mons. Cláudio Flusin, Bispo de Saint-Claude, na França, esteve durante dois dias no Santuário, acompanhado de Mons. Camilo Ramnoz, Vigário Geral da Diocese, e do Rev. Cônego Flusin, seu irmão, pároco na cidade de Besançon.

Mons. Cláudio Flusin, Bispo de Saint-Claude, na França, esteve durante dois dias no Santuário, acompanhado de Mons. Camilo Ramnoz, Vigário Geral da Diocese, e do Rev. Cônego Flusin, seu irmão, pároco na cidade de Besançon.

A GOSTO

A 1 e 2 — peregrinação francesa da Bretanha, França, com 50 pessoas, e dirigida pelo Rev. P. B. Guyonvarch, de Lorient.

No dia 2 — esteve um grupo de 35 escuteiros de Roma.

De 2 a 6 — 8.ª Assembleia Internacional da «Pax Romana».

A 5 e 6 — 30 alunos e alguns Padres Jesuítas do Instituto M. Massimo. de Roma, por eles dirigido.

AOS CHEFES DE TREZENA

As alterações de endereço ou de quantidade de jornais a receber, ou reclamações de jornais recebidos a menos, devem ser comunicadas às respectivas Direcções Diocesanas dos Cruzados da Fátima, e nunca directamente à «Voz da Fátima».

A ADMINISTRAÇÃO

- Manuel Domingues, Seixas, 20\$00.
- D. Maria José Martins, Seixas, 40\$00.
- Anónimo, 90\$00.
- D. Fernanda Maria Clemente Miranda Correia, Viseu, 20\$00.
- D. Maria da Conceição Durão, Lourenço Marques, 50\$00.
- D. Júlia da Conceição Gonçalves, Torneiros, 20\$00.
- Anónima, Arganil, 5\$00.
- D. Maria de Lourdes Lopes, Castelo de Vide, 5\$00.

A 6 e 7 — esteve uma peregrinação composta de cerca de 200 pessoas da Arquidiocese de Tarragona, Espanha, presidida pelo Cardeal Arcebispo daquela cidade. Vinham também na peregrinação o Governador Civil e o Presidente da Junta da Província de Tarragona. Sua Eminência celebrou Missa na igreja do Rosário e falou aos seus peregrinos sobre a Mensagem da Santíssima Virgem. Realizou-se uma procissão com a imagem de Nossa Senhora.

A 8 e 9 — uma pequena peregrinação de 47 pessoas, de Alcanar, também da província de Tarragona, Espanha.

De 9 a 11 — esteve uma outra peregrinação italiana de Milão, com mais de 100 peregrinos, e entre eles 20 sacerdotes.

De 8 a 10 — grupo francês de Paris, com 10 peregrinos.

A 14 e 15 — grupo francês, igualmente de Paris, com 15 pessoas.

A 14 — veio ao Santuário um grupo de 75 oficiais, sargentos e praças de alguns navios de guerra espanhóis que estiveram no porto de Lisboa. Do grupo de oficiais fazia parte o Almirante Cervera, Comandante chefe da esquadra espanhola. Os peregrinos assistiram à Santa Missa, tendo alguns comungado.

De 14 a 17 — Retiro para Senhoras da «Família do Sacerdote».

A 18 e 19 — peregrinação de 50 Professoras do Ensino Primário da Diocese de Beja.

No dia 18 — às 6 horas da tarde, houve na igreja do Rosário uma Missa para os oficiais e praças do Regimento de Artilharia 4, de Leiria, nesses dias em exercícios de fogos reais na Serra de Aire. Assistiu o Senhor Bispo de Leiria. Acompanharam em procissão a imagem de Nossa Senhora, desde a Capelinha, para onde depois a reconduziram.

De 19 a 22 — retiro para a Juventude Agrária Católica do Patriarcado e da Diocese de Leiria, em número de mais de 50.

De 18 a 22 — retiro para as Irmãs da Ordem Terceira Dominicana.

De 19 a 22 — esteve no Santuário uma peregrinação francesa de St. Clair-du-Rhône, dirigida pelo Rev. P. Benatru e formada por 34 peregrinos.

A 20 — visitou a Cova da Iria a Imperatriz do Viet-Nam, Bao-Dai, acompanhada de suas 3 filhas e 1 filho, sua mãe, a Duquesa de Long-My, e uma irmã, a Baronesa Didelot, e uma filha desta. Ouviram Missa e receberam a Sagrada Comunhão. A sua chegada a Portugal a Imperatriz declarou que vinha «unicamente atraída pelo fama mística de Fátima». O Senhor Bispo de Leiria deslocou-se propositalmente ao Santuário para receber a Imperatriz.

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA E OS ESQUIMÓS

Na «Voz da Fátima» de Maio passado, fizemo-nos eco de um desejo do R. P. André Steinmann, O. M. I., que ia fundar uma nova missão entre os Esquimós e pedia para ela uma estátua de Nossa Senhora da Fátima. Para a efectivação desse desejo pedimos alguma ajuda e chegaram-nos para isso pequenas esmolas.

Acabamos, porém, de receber uma carta do Sr. D. Pascual Arias, advogado em Madrid, dizendo que ele oferece a imagem e que a mesma já se encontra ao cuidado dos Padres Oblatos da capital espanhola, os quais a farão chegar ao seu destino. Por estranho que pareça, esta imagem tem o número de referência 10.011, pois tantas são as que aquele generoso propagandista e benfeitor tem distribuído até hoje.

Nossa Senhora da Fátima lhe pague e o ajude a prosseguir no seu admirável e original apostolado.